

Sob a sombra de um diagnóstico Under the shadow of a diagnosis

Roberta Dias de Paiva

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

ORCID:

Cássia Maria Fernandes Monteiro

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

ORCID: 0009-0000-9608-9588

DOI: 10.21680/2595-4024.2025v8n2ID40507

Resumo

O texto “Sob a sombra de um diagnóstico” explora a jornada pessoal da autora na descoberta do autismo, abordando os atravessamentos emocionais, sociais e artísticos que emergem desse processo, com base no conceito de “duplo” descrito por Sigmund Freud (2015) e a simbologia das sombras descrita por Véronique Perruchon no livro “Blecaute” (2023). Partindo da metáfora da sombra como espaço de dor e também de iluminação, a autora narra a transformação dos sintomas em expressão criativa, por meio da poesia e das sombras. Ao revisitar diagnósticos como TDAH, TOC e esquizofrenia, a narrativa revela as dificuldades da rotulação clínica e como a arte pode ser um caminho de reconhecimento e tratamento.

Palavras-chave: Teatro de sombras; rap; autismo.

Abstract

The text “Under the Shadow of a Diagnosis” explores the author's personal journey in discovering autism, addressing the emotional, social, and artistic crossings that emerge from this process. It is based on the concept of the “double” described by Sigmund Freud (2015) and the symbolism of shadows discussed by Véronique Perruchon in the book “Blecaute”(2023). Using the metaphor of the shadow as a space of both pain and illumination, the author narrates the transformation of symptoms into creative expression through poetry and shadows. By revisiting diagnoses such as ADHD, OCD, and schizophrenia, the narrative reveals the challenges of clinical labeling and how art can become a path for recognition and healing.

Keywords: Shadow theatre; rap; autism.

Resumen

El texto “Bajo la Sombra de un Diagnóstico” explora el camino personal de la autora en el descubrimiento del autismo, abordando los atravesamientos emocionales, sociales y artísticos que surgen de este proceso. Se basa en el concepto del “doble” descrito por Sigmund Freud (2015) y en la simbología de las sombras abordada por Véronique Perruchon en el libro “Blecaute”(2025). Partiendo de la metáfora de la sombra como un espacio tanto de dolor como de iluminación, la autora narra la transformación de los síntomas en expresión creativa, a través de la música, la foto-performance y la poesía. Al revisar diagnósticos como TDAH, TOC y esquizofrenia, la narrativa revela las dificultades de la rotulación clínica y cómo el arte puede ser un camino hacia el reconocimiento y el cuidado.

Palabras-clave: Teatro de sombras; rap; autismo.

1: Introdução

A sombra na história da arte ocidental carrega em si um tom obscuro, daquilo que evoca mistério, medo e anuncia a presença do perigo ou do indesejado, sendo esta simbologia muito aplicada a partir do movimento expressionista alemão entre o período de 1920 e a década de 1930. Em sua tese de doutorado, o Professor de Comunicação da Universidade Federal da Paraíba, Bertrand Lira, detalha:

O crepúsculo é o prenúncio da chegada da noite que, com suas sombras incommensuráveis, desperta no homem sentimentos primitivos de angústia, de medo do desconhecido, do breu que gera seres incógnitos, perigos insondáveis, incerteza de um amanhecer. Essa sensação física provocada pela ausência de luz é acompanhada de repercussões psíquicas. A sombra apaga o volume, os contornos, as cores dos objetos. Na escuridão, o homem não tem mais a sensação de controle da natureza, que lhe escapa (LIRA, 2008, p. 50).

Em contraposição a esta simbologia, foi na escuridão que pude encontrar minha própria luz. A sombra me fez enxergar muito mais potente e brilhante algo que já existia em mim e procurava um modo para me expressar: o autismo. Através de seus sintomas e nuances que se confundem entre outros diagnósticos, mas com peculiaridades que para mim apenas foi possível traduzi-lo através da arte.

Por Sigmund Freud (1856-1939), a figura do duplo carrega o significado de semelhança ou identificação entre indivíduos, onde ocorrem casos em que há dúvida sobre quem é o seu eu (self), ou substitui-se o seu próprio eu (self) por um estranho (FREUD, 1976, p. 285-286), e é baseada nesta interpretação do Eu Duplo em que o trabalho “Sob a sombra de um Diagnóstico” ganha vida. Ela encontra no breu seu ponto de partida para o início de uma jornada de reconhecimento e acolhimento daquilo que sempre existiu e teve suas próprias cores dessaturadas pelas lentes de uma sociedade que, até hoje, enxerga diagnósticos como juízos monocromáticos de sofrimento e solidão.

Sua gênese está no sentimento musicado pelas batidas do rap (gênero que povoa os subúrbios e periferias), solo fértil para que os sentimentos e experiências desta pesquisa criem fortes raízes, floresça através do teatro de sombras e se apresente aqui nesta composição, com a finalidade de iluminar os corações atravessados pelas mesmas dores e alegrias de processos de diagnósticos como os apresentados a seguir.

2: Objetivos

- Apresentar um trabalho artístico multidisciplinar que aborda a música e o teatro de sombras como expressões de sentimentos e identidades;
- Fomentar a discussão sobre a dificuldade de procurar e receber o diagnóstico de autismo e os desafios da pessoa autista durante e pós diagnóstico, tanto no âmbito da saúde quanto da auto-estima;
- Contribuir ainda mais para a inclusão de pessoas neurodiversas no mundo artístico. Deseja-se que consigam ser tocadas e tocarem através de sua arte e

histórias tão distintas mas tão necessárias para que se amplie o debate sobre saúde mental no contexto atual da arte.

3: Sentimentos num compasso

20

A descoberta do autismo deu-se de pouco a pouco em sessões de psicoterapia, mas a sua transformação em arte começou com uma grande explosão de sentimentos incompreendidos, que encontraram um seu aconchego na batida marcante do rap.

A alexitimia é uma condição presente em muitos autistas, caracterizada pela dificuldade de compreender emoções, o que torna-as mais difíceis de serem trabalhadas e expressadas. Sendo portadora dessa condição, nunca consegui pôr em palavras diretas e consistentes tudo aquilo que pensava e sentia, e chegava um momento em que nem mais desenhos e pinturas nas paredes do quarto podiam transmitir a dor de carregar um coração tão grande dentro do peito. Mas um coração que facilmente moldou-se ao compasso do boom bap, a poesia do subúrbio e a cultura hip-hop.

Começar a acompanhar o rap nacional pelas batalhas gravadas na internet e me aproximar de artistas e admiradores da cena re-abriu meus olhos para este mundo, onde pessoas assim como eu, suburbanas, a transbordar do sentir, e fazerem música com seu dialetos e improviso me fizeram enxergar na composição uma possibilidade de estar e pertencer. E eu já tinha ali comigo tudo o que precisava: algumas palmas para marcar a batida e a mente aberta para deixar o rap traduzir tudo o que já existia em mim.

Feito fumaça
Assopro o que sinto e no céu se esparrama
Foge a atenção, fecha os ouvidos
E ainda diz que ama?

Não há quem entenda
Na rua, na casa ou na clínica
Não foi aos poucos

A vida mostrou o quanto é cínica

Me deito sobre as bulas
Com ecos de uma mente inquieta
Que muito pensa, muito faz
Por salvação, virou poeta (DIAS, Roberta, 2024. Sem título)

4: As cores em transtorno

Jansen, o personagem central desta trama, degusta o mundo e seus estímulos de forma intensa, fragmentada e difusa; e neste espaço onde se vê atingido constantemente pelos sons, imagens, gostos e toques, ele começa sua jornada de entendimento do seu próprio Eu, simultaneamente ao crescimento de uma força ainda desconhecida em si.

5: Fotos - O percurso de Jansen



“Tudo sempre tem um começo
De longe talvez esteja por lá
A energia eu já conheço
E termina com H

Mas preste atenção!
De algo já tenho certeza
Independente da causa
Na mente levo ‘frieza’”

Foto 1 – TDAH. Descrição: Jansen (Sombra de boneco com cabelos cacheados, blusa listrada e bermuda) com rosto preocupado e mãos na cabeça. Luz branca duplicando o boneco, enquanto uma

imagem é forte e com os pés no chão o duplo é de menor intensidade um pouco elevado, como um fantasma.



“Continuo a caminhada
Mas algo se aproxima
“Toc toc”
Pode entrar, minha nova sina

Muito penso, muito faço
Às vezes falta espaço
Ok
Querendo ou não, eu tenho o traço

Manias e manias, e a minha de ser rei
Pode deixar que nesse detalhe eu já pensei
Mas de novo sinto algo, não era
programado
Espera... nisso ainda não tinha reparado”

Foto 2 – TOC. Descrição: Jansen com rosto preocupado e mãos na cabeça. Luz branca triplicando o boneco em uma linha horizontal, todos em uma mesma intensidade.



“Na química que rola com essa guria
Que me sufoca, fala, fala, fala
Mas traz falsa alegria
Eu não sei bem o que fazer com essa
informação
Resolução? Talvez seja a ofrenia’

Por favor, cala a boca! Eu só quero
descansar
Seguir naquele busão sem sofrer muito ao
pensar:
‘Talvez ele mude a rota ou dessa ponte
queira se jogar’
É todo dia, e eu não consigo mais te
suportar”

23

Foto 3 – Esquizofrenia. Descrição: Jansen com rosto preocupado e mãos na cabeça. Luz amarela, verde e vermelho claro triplicando o boneco em direções diversas, como uma vertigem.



Volto na sala branca, de frente pra um robô
E mais de outras pílulas ele me receitou
Mas dessa vez, foi um tanto diferente
Eu tomei uma e já não sentia que era mais
gente

Elas já foram embora, e com elas eu também
vou
Deixei meu corpo caminhar bem longe daquela
baderna
Nenhuma voz me perturbava, nem o que eu
sou
Uma paz silenciosa que nem arcanjo tolera“

Foto 4 – Zargus. Descrição: Jansen com olhos vazios, sem boca, sem nariz e com cabelo espetado, com as mãos na altura dos ombros como se estivesse tocando a tela. Silhueta de uma caixa de remédios tarja preta onde Jansen está aprisionado. Luz verde ilumina todas as silhuetas.

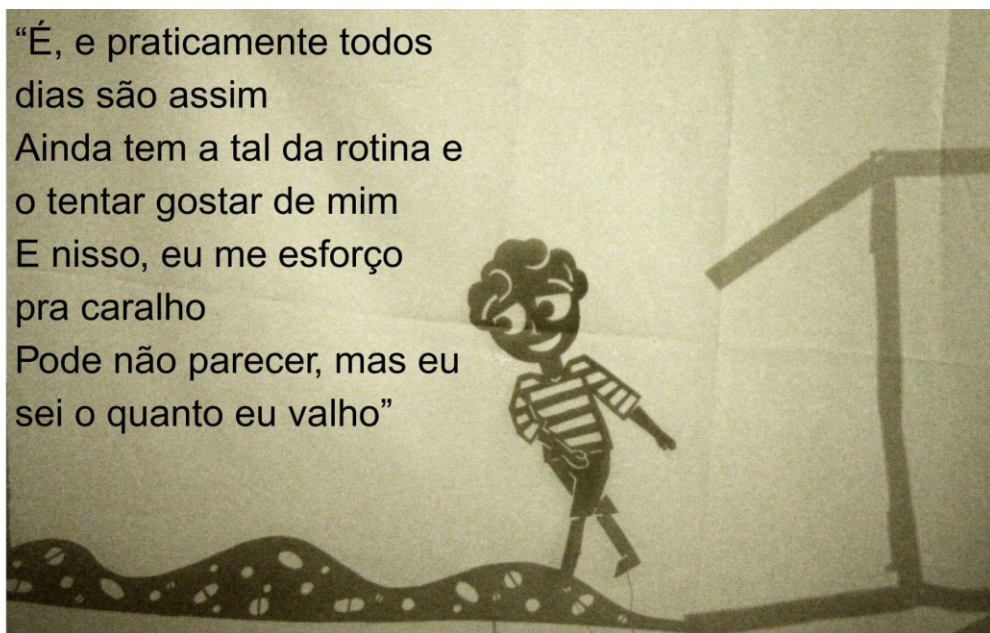


“Não havia nada, não sentia nenhum segundo
Tinha algo em mim gritando com esse vagabundo
‘Vai embora! Aqui não é o seu lugar!’
Daqui nada vai tirar
Volta lá praquele submundo’

Hoje em dia, reconheço a ecolalia
Por isso eu falo e repito as mesmas coisas todo dia
Eu sei que é chato, e que às vezes eu te sufoco
Mas na real, eu não controlo o meu hiperfoco

Ainda tem dias, que eu me sinto muito mal
Nunca se sabe quando vem, como evitar o shutdown
Mas com isso, eu já to um pouco mais safa
Pego um papel, escrevo um rap, e a tristeza
desabafa”

Foto 5 – Descoberta do autismo. Descrição: Jansen com um sorriso no rosto e mãos no peito, ainda dentro da silhueta da caixa de remédios, porém a tampa dela está aberta. Luz branca ilumina as silhuetas e um foco menor circular também branco ilumina as mãos do boneco, como uma aura.



“É, e praticamente todos
dias são assim
Ainda tem a tal da rotina e
o tentar gostar de mim
E nisso, eu me esforço
pra caralho
Pode não parecer, mas eu
sei o quanto eu valho”

Foto 6 – Um novo caminho. Descrição: Jansen sorridente, inclinado para frente caminhando sobre

uma estrada de remédios (também silhueta) depois de sair da caixa que o aprisionava, que agora está caída no canto direito da tela e com a tampa totalmente aberta. Luz branca ilumina todas as silhuetas.

Bibliografia

BELTRAME, Walmor; OLIVEIRA, Fabiana Lazzari. *A luz: elemento fundamental do teatro de sombras*. Urdimento, Florianópolis, v. 2, n. 23, p. 180–193, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.5965/1414573102232014017>.

FAVERO, Alexandre. *Dramaturgias da sombra*. Móin-Móin, Florianópolis, n. 9, p. 114–123, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.5965/2595034701092012146>.

FREUD, Sigmund. O estranho. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas de Sigmund Freud: um delírio e os sonhos na Gradiva de Jensen e outros textos (1917–1919)*. Rio de Janeiro: Companhia das letras, 2015.

LIRA, Bertrand de Souza. *Luz e sombra: uma interpretação de suas significações imaginárias nas imagens do cinema expressionista alemão e do cinema noir americano*. 2008. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) — Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Natal, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/13678>.

MOTTA, Gilson; BALARDIM, Paulo (Org.). *Teatro de sombras ao vivo: conversas com artistas latino-americanos*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2021. Disponível em: <https://morula.com.br/produto/teatro-de-sombras/>.

PERRUCHON, Véronique. *Blecaute*. Tradução de Nadia Moroz Luciani. Curitiba: Editora Artêra, 2023.